

# A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL

*THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE WORKING MOVEMENT IN BRAZIL*

*CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DEL MOVIMIENTO OBRERO EN BRASIL*

Diego Eduardo Batista Ivasco<sup>1</sup>

## **Resumo**

A presente pesquisa tem como tema o processo de construção da identidade do movimento operário brasileiro. O estudo busca compreender a história do movimento social, a partir do final do século XIX e começo do século XX. Ao estudar esse assunto, vemos que as relações sociais, de classe especificamente, se tornam causa primária para a contradição entre capital e trabalho. No primeiro momento, buscou-se conhecer o conceito de movimento social, bem como a história do movimento operário no Brasil, com forte influência do europeu, pautado nas reivindicações de melhores condições de trabalho. O movimento era visto como ações irracionais, sem formalidade. A partir dessas demandas é que começam a ser criados os primeiros sindicatos de classe brasileiros. Os sindicatos fortaleciam o movimento, bem como suas demandas, o que colaborou para o desenvolvimento de uma consciência de classe; entendeu-se que a burguesia obtinha os meios de produção, e que a classe operária era dona da força de trabalho. A greve geral de 1917 foi um marco histórico para o movimento operário, que teve suas demandas reconhecidas pelo Estado. Foi a partir desse movimento que foram criados, ainda que tardiamente, os primeiros direitos trabalhistas no Brasil.

**Palavras-chave:** Movimento social. Movimento operário. Greve de 1917.

## **Abstract**

This research has as its theme the process of building the identity of the Brazilian workers' movement. The study seeks to understand the history of the social movement, from the end of the 19th century to the beginning of the 20th century. When studying this subject, we see that social relations, of class specifically, become the primary cause for the contradiction between capital vs. labor. At first, we aimed to know the concept of social movement and the history of the workers' movement in Brazil, with a strong influence on the European workers' movement, based on the claims of better working conditions. The movement was seen as irrational actions, without formality. From these demands, the first Brazilian class unions began to be created. The unions strengthened the movement, as well as its demands, which collaborated in developing class consciousness, understanding that the bourgeoisie obtained the means of production; therefore, the working class owned the workforce. The 1917 general strike was a historic milestone for the workers' movement, with its demands recognized by the State. Therefore, it was possible to identify that it was from this movement that the first labor rights in Brazil were created, even late.

**Keywords:** Social movement. Labor Movement. Strike of 1917.

## **Resumen**

Esta investigación discurre sobre el proceso de construcción de la identidad del movimiento obrero brasileño. El estudio busca comprender la historia del movimiento social, de finales del siglo XIX y principios del siglo XX. Al estudiar este tema, vemos que las relaciones sociales, específicamente las de clase, se convierten en la causa principal de la contradicción entre capital y trabajo. Al principio, tratamos de estudiar el concepto de movimiento social, así como la historia del movimiento obrero en Brasil, con fuerte influencia del europeo, basado en reivindicaciones de mejores condiciones laborales. El movimiento fue percibido como acciones irracionales, sin formalidad. A partir de estas demandas, comenzaron a crearse los primeros sindicatos de clase brasileños. Los sindicatos fortalecieron el movimiento, así como sus demandas, lo que permitió el desarrollo de una conciencia de clase; se entendió que la burguesía controlaba los medios de producción y que la clase trabajadora era propietaria

---

<sup>1</sup> Estudante de Serviço Social, Pesquisador em Serviço Social e Estagiário da Secretaria de Estado Justiça, Família e Trabalho - Escritório Regional de Curitiba. Membro do Grupo de Pesquisa: Gestão das Organizações do Terceiro Setor. E-mail: diegoivasco29@gmail.com.

de la fuerza de trabajo. La huelga general de 1917 fue un hito histórico para el movimiento obrero, que tuvo sus demandas reconocidas por el Estado. Fue a partir de este movimiento que se crearon los primeros derechos laborales en Brasil, aunque tardíos.

**Palabras-clave:** Movimento social. Movimento obrero. Huelga de 1917.

## 1 Introdução

A pergunta-problema que norteou este trabalho e definiu o seu objetivo geral foi “De que forma se produziu a construção da identidade do movimento operário no Brasil?”. A partir dela, os objetivos específicos foram delineados da seguinte forma: conceituar movimento social, pesquisar a história da formação do movimento operário no Brasil, identificar os principais atores do movimento e suas bandeiras de luta no início do século XX.

Busca-se ampliar a consciência da sociedade em uma leitura que possibilite compreender as consequências deste tema nas relações sociais. Para o Serviço Social é importante reafirmar os compromissos da profissão com os movimentos sociais. Um dos princípios fundamentais do seu Código de Ética é a articulação com as ações de outras categorias profissionais que compartilhem os princípios deste código e com a luta geral dos/as trabalhadores/as (BRASIL, 2012, p. 24) .

Ao compreender o movimento operário como movimento social, pode-se entender a formação da sociedade brasileira, levando em consideração que uma sociedade se compõe a partir dos movimentos sociais que constituem a sua identidade.

Deste modo, com o propósito de alcançar o objetivo traçado nesta pesquisa, se faz importante elucidar o caminho metodológico utilizado, entendendo que a metodologia usada é a pesquisa bibliográfica. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 215), essa metodologia de pesquisa é fundamentada rigorosamente em uma estrutura realizada por meio de revisões bibliográficas que “exigem estudos preliminares” antes da resposta do problema. Utilizou-se no presente trabalho a leitura de livros, artigos científicos, sites oficiais para fundamentar o assunto pesquisado.

## 2 Movimentos sociais

Os movimentos sociais surgem a partir de esforços e lutas da sociedade civil organizada, com o objetivo de promover mudanças eficazes e avançar em uma sociedade mais justa. Conforme Gohn (1997, p. 41), “A mudança social só existe por conta da mudança dos indivíduos, pois os movimentos agem em oposição à ordem vigente”.

A organização dos movimentos vem de ações coletivas que divergem do sistema e,

segundo a concepção de Estado de Touraine (1989, p. 183), este é também “um agente transformador, pois dirige mudanças organizacionais e também institucionais”. O Estado abre caminhos para mudanças, pela institucionalização de novas formas de relações.

Os movimentos sociais são um sinal; eles não são meramente o resultado de uma crise. Assinalam uma profunda transformação na lógica e no processo que guiam as sociedades complexas

No Brasil, as transformações propiciadas pelos movimentos sociais ocorreram no setor industrial. Vindo dessas alterações no setor econômico, foi se construindo o movimento operário, movido principalmente por ações coletivas, nas quais começou a se formar a identidade do trabalhador brasileiro, no início do século XX.

O movimento operário no Brasil se fortaleceu principalmente entre os anos de 1917 e 1920, quando as principais cidades do Brasil começaram greves, com objetivo de melhores condições de trabalho.

## 2.1 Movimento operário e suas ações coletivas

Com a grande centralização de poder e de acúmulo de capital, o sistema burguês era o dominante em 1917, o que fez surgir as primeiras greves nas cidades brasileiras em busca de melhores condições de trabalho.

Segundo Mendonça e Fontes (1988, p. 94), os discursos políticos não tinham coerência, pois sempre privilegiavam a mesma classe: a burguesia. Com a priorização dos interesses da classe burguesa, criou-se o descontentamento da classe operária e a necessidade de uma ação social, afim de se reunir em grupos ou organizações.

A Psicologia das Massas<sup>2</sup> explica como eram vistas essas ações coletivas e como esse paradigma foi sendo quebrado durante a construção da identidade do movimento operário. Segundo Escorsin (2016, p. 76) “a identidade é formada pelos fatos históricos e sociais”, ou seja, a identidade do operariado se formou pelos acontecimentos da história, pela luta por direitos, de se reconhecer como classe operária e por suas ações coletivas.

Essas ações eram questionadas pela burguesia, que as via, segundo Pereira e Sampaio (1999, p. 128), como uma ação irracional, cuja intenção era implantar um sistema de ditadura do proletariado no Brasil. Essa leitura burguesa se deu por perceber a capacidade do movimento que, conseqüentemente, poderia causar uma mudança na ordem social. Para contradizer esse

---

<sup>2</sup> Inserido na massa, o indivíduo pensa, sente e age de maneira diversa de quando está sozinho (LEOPOLDINO; OLIVEIRA, 2006, p. 140).

pensamento, *A Plebe*, um dos jornais mais populares no meio operário anarquista, buscou, segundo Pereira e Sampaio (1999, p. 128) “aprovar a racionalidade do movimento, mostrar seu pacifismo nas ações coletivas e de provar que não era uma multidão desorientada, como dizia o discurso da classe dominante”.

Esse modo de ver o movimento operário foi sendo revisto pois, na greve de 1917 no Brasil, por exemplo, em momento algum o movimento entrou no campo das fábricas; tratava-se uma ação pacífica e racional, que surpreendeu a burguesia e até mesmo os próprios organizadores do movimento.

Weber (2004, p. 147) diz que “a racionalidade está na compreensão da ação humana. A ética Quaker destaca que a conscienciosidade deve sempre provar seu estado de graça e desvelo”. No caso da força que orienta as ações dos trabalhadores, ela é racional com relação ao fim pois, em especial na greve de 1917 no Brasil, buscava realizar uma ação pacífica. Ela surge da racionalidade de se reconhecer como classe e começa a consolidação da sua identidade. Um item fundamental na formação da identidade do operariado foram os sindicatos. Estes vieram para fazer com que suas demandas, que eram imediatas, fossem atendidas.

### 2.1.1 As origens do sindicalismo no Brasil

Já no final do século XIX, em 1892, a classe operária enfrenta um processo de reestruturação da economia no Brasil. Segundo Antunes (1980, p. 48), ao criar o trabalho assalariado em substituição ao escravo, ao transferir parte dos seus lucros para atividades industriais e ao propiciar a constituição de um amplo mercado interno, a economia exportadora criou, em um primeiro momento, as bases necessárias para a constituição do capital industrial no Brasil. Partindo disso (idem, p. 48), formam-se núcleos operários na região de São Paulo e Rio de Janeiro e surgem as primeiras lutas operárias no país (ANTUNES, 1980, p. 48).

Neste período, os núcleos formados pela Sociedade de Socorro, Auxílio Mútuo, como apoio aos operários, auxiliaram nas suas necessidades imediatas. Esses núcleos foram as primeiras formas do sindicalismo no fim do século XIX, em 1892. Uma ação importante na perspectiva reivindicatória é a greve, que luta por melhorias salariais.

No mesmo ano, ocorreu o I Congresso Socialista Brasileiro, cujo objetivo era a criação de um partido socialista, que não foi atingido. Em 1913 e 1920, ocorreram o II e III Congresso respectivamente. Foi nesses congressos que o movimento operário começou tomar como base as teorias socialistas de Karl Marx e Friedrich Engels, que justamente se enraizavam no Brasil naquele momento, em 1917.

Como cita o primeiro parágrafo do Manifesto aos Proletários, segundo explica Antunes:

A História das sociedades humanas, desde que se constituíram e onde quer que envolvessem, é a história mesma da luta de classes; e desse pugnar incessante resultou, com o decorrer dos tempos, a eliminação de algumas dessas classes, podendo-se atualmente considerar que somente duas permaneceram, extremadas em campos adversos, inconciliáveis em seus interesses: tais são a classe da burguesia e a classe dos assalariados. (ANTUNES, 1980, p. 49).

A história da luta de classes, em especial no Brasil no século XX, foi nitidamente notável pela forte reunião dos trabalhadores contra as condições de trabalho que seus patrões lhes davam. Essas condições iriam ajudar na construção da identidade do movimento operário brasileiro.

## 2.2 A história do movimento operário no Brasil

A história do Movimento Operário no Brasil inicia com o processo de industrialização, no começo do século XX. Começa a se formar a partir da vinda de trabalhadores — na sua maioria italianos, brancos, do campo — para as grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, a fim de trabalhar no meio fabril. No campo, esses trabalhadores tinham a propriedade das ferramentas e do processo de produção.

Com o avanço da industrialização no Brasil, esses trabalhadores perderam o controle sobre os meios de produção, configurando assim o processo de alienação propriamente dito. Marx reforça esse conceito em seu livro *Miséria da Filosofia*, dizendo que “as condições econômicas, inicialmente, transformam a massa do país em trabalhadores, tornando isso como uma situação comum” (1985, p. 159). Esse processo fez com que o trabalhador não se reconhecesse como classe trabalhadora e que, tampouco, reconhecesse que as produções eram frutos de seu trabalho. Restou apenas sua força de trabalho, que era a única coisa que podia ter como propriedade.

Segundo Rodrigues (2009, p. 8), os trabalhadores se reuniam em organizações, que se compunham de ex-artesãos, marceneiros, pedreiros e pintores qualificados, ou seja, antes mesmo de se organizar como movimento já tinham consciência de que eram trabalhadores, independentes de um patrão. Nessas organizações existiam regras (idem, p. 9); por exemplo, as mulheres e crianças não podiam ter acesso, pois eram desqualificadas e não participavam desses grupos. Essas organizações de ofício, tais como as Guildas (formada por artesãos profissionais), já tinham uma consciência profissional coletiva.

Assim como toda organização e associação, o movimento operário no Brasil é formado

por uma ideologia; afinal, todo movimento tem por motor uma ideologia, pois é a partir dela que o movimento e suas ações coletivas encontram identidade e consciência.

Uma de suas bandeiras de luta advindas da ideologia é a resistência do trabalhador operário frente ao sistema econômico vigente: o capitalismo. A ideologia é a função das ideias na vida social, ou seja, a partir das vivências o indivíduo constrói uma ideia de mundo (EAGLETON, 1997, p. 16).

O trabalho no capitalismo é alienado e tem por base o acúmulo de capital e a extração de mais-valia, favorecendo a classe burguesa. Isso desumaniza o homem e cria nele uma falsa consciência, ou seja, ele pode se reconhecer como classe, mas não necessariamente como pertencente à classe trabalhadora — no caso da presente pesquisa, a operária.

Apesar de o movimento operário ter suas bandeiras de luta bem definidas, era, entre 1910 e 1922, um movimento imediatista, de demandas espontaneístas que, quando atendidas, eram abandonadas. Uma das características que formam a identidade da classe operária são suas ações coletivas tais como mobilizações, greves, manifestações. São resultado do descontentamento do proletariado com a classe dominante, que as vê como apenas mobilizações da minoria. Nessas ações já existe a chamada consciência reivindicatória.

### 2.2.1 A criação da consciência reivindicatória

A partir do momento em que a classe operária desenvolve uma consciência de luta, reconhecendo que está sendo explorada, a partir do momento em que tem conhecimento desse fato e procura lutar ou se manifestar a respeito, cria-se uma consciência reivindicatória, que pode se transformar em uma consciência de classe para si. “A classe para si [...] aquela que, consciente de seus interesses e inimigos, se organiza para a luta na defesa destes” (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011, p. 97).

Isto é, a classe para si, grosso modo, é resultante do grupo que tem ambições e oposições em comum, inicialmente formada nas indústrias operárias. Os trabalhadores começam a ter conhecimento das suas causas, “na vida cotidiana, na fábrica ou outros espaços coletivos; ao se relacionarem entre si e constituírem grupos, os indivíduos procedem a identidade das suas situações ” (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011, p. 103).

Conforme citado acima, essa é uma das principais formas de consciência reivindicatória; outra forma de consciência que compõe o todo é a luta sindical pois, conforme os trabalhadores vão se organizando em grupos, se formam os sindicatos. Montaño e Duriguetto (2011, p. 103) apontam que os grupos formados pelos trabalhadores passam a fazer uma força de hegemonia,

ou seja, a se impor contra a ordem do capital.

### 2.3 Greve geral de 1917

A greve geral de 1917 se tornou uma forma de pulsar o movimento operário no Brasil, bem como grupos republicanos, lojas maçônicas, a sociedade italiana, que prestavam uma contribuição mutua; essas agrupações se solidarizavam com os trabalhadores, colaborando para o andamento da greve, onde se enraizaram os sindicatos. A força dos sindicatos na principal greve brasileira foi, para Del Roio (2017), o começo da repressão por parte de Rodolfo Crespi, dono da indústria Cotonifício Rodolfo Crespi, de São Paulo, que deu ordens e os ameaçou com corte de salário.

Essa condição imposta por Rodolfo Crespi iria interferir nas condições sociais pois “Sem salário os então operários iriam morrer de fome, portanto teve um grande ato solidário nos meios dos operários” (DEL ROIO, 2017) que mobilizou jornais anarquistas como *A Plebe*, para que mais pessoas se solidarizassem pela luta que os operários estavam reivindicando. Diante deste cenário político-social, a greve geral de 1917 prolongou-se em sua duração, tendo em vista as demandas relativas à classe trabalhadora.

Segundo Biondi (2012), os principais elementos para fortalecer a greve foram: o Centro Socialista Internazionale, o Círculo Socialista di Água Branca e Lapa, o grupo socialista alemão, os dois grupos republicanos italianos, o Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires e várias lojas maçônicas.

Um dos atores mais importantes quando se fala em movimento operário, são os sindicatos. Os sindicatos são a profissionalização da organização dos trabalhadores, com o objetivo de ganhar força política nas negociações com os proprietários dos meios de produção. Com o sistema vigente fortalecendo ainda mais a classe burguesa, os operários começaram a se organizar em sindicatos, a fim de dar voz ao movimento e fazer com que suas necessidades fossem atendidas pelo Estado (RODRIGUES, 2009, p. 8).

### 3 Considerações finais

Nota-se nesta pesquisa como foi a construção da identidade do movimento operário no Brasil no início do século XX. Este dá os seus primeiros sinais nas organizações de ofício, onde já eram reconhecidos como trabalhadores. No decorrer desta pesquisa fica claro que o movimento operário possui uma ideologia, que é construir um poder político por parte da classe trabalhadora e, com isso, ganhar força nas negociações com os donos dos meios de produção.

Para consolidar a construção da identidade da classe operária, foi necessário buscar acontecimentos históricos para explicar como foi a construção dessa classe, compreendendo a importância das suas ações coletivas e dos sindicatos, que surgiram para formar uma consciência reivindicatória entre os operários.

As ações coletivas contestadas pela burguesia impulsionaram as reivindicações imediatas; a partir destas começaram as primeiras mobilizações e greves. A greve geral de 1917, no início do século XX, apontou reivindicações como aumento de salário, melhorias nas condições de trabalho, diminuição na carga horária, direito de voto para as mulheres e o fim do trabalho infantil.

Os sindicatos surgiram justamente para fazer com que as suas reivindicações tomassem forma, e começassem a se consolidar. O papel do sindicalismo no Brasil foi o de criar uma consciência para si, fazer os trabalhadores, até então alienados pelo capitalismo, se reconhecer como classe trabalhadora e defender os interesses da sua classe.

A classe trabalhadora no Brasil no início do século XX, ajudou a sociedade a enxergar nas entrelinhas os conflitos existentes; ao mesmo tempo, começou a refletir e questionar a ordem vigente, reconhecendo-se como classe.

Para o Serviço Social é importante reafirmar os compromissos da profissão com os movimentos sociais, segundo o Código de Ética do Assistente Social (1993) e seus princípios fundamentais, pois hoje os movimentos sociais são criminalizados pela elite e pela mídia.

Portanto, este contexto não só faz os movimentos receberem um olhar negativo, mas também que a classe trabalhadora se negue a si mesma. Perante a sociedade isso é possível desconstruir através de estudos, pesquisas que retomem o sentimento de pertença.

## Referências

ANTUNES. R. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BIONDI, L. A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 15, n. 27, 2012. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2577>. Acesso em: 02 abr. 2018

BRASIL. **Código de Ética do/a Assistente Social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10ª. ed. rev. e atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf). Acesso em: 27 abr. 2018.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Uma introdução. Tradução: Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/285942/mod\\_resource/content/1/Aula%202.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/285942/mod_resource/content/1/Aula%202.pdf).

Acesso em: 12 nov. 2020.

ESCORSIN, A. P. **Psicologia e desenvolvimento humano**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016

GOHN, M.G. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/10/120184012-Maria-da-Gloria-Gohn-TEORIA-DOS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-PARADIGMAS-CLASSICOS-E-CONTEMPORANEOS-1.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acesso em: 24 abr. 2018

LEOPOLDINO, M.P.; OLIVEIRA, C. Do social ao individual: a psicologia das massas de Sigmund Freud. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 137-142, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n1/a13v18n1.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985. Disponível em: [http://ciml.250x.com/archive/marx\\_engels/portuguese/marx\\_miseria-da-filosofia.pdf](http://ciml.250x.com/archive/marx_engels/portuguese/marx_miseria-da-filosofia.pdf). Acesso em: 02 maio 2018.

MENDONÇA, S. R; FONTES, V.M. **História do Brasil recente**. 1964-1992. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MONTAÑO, C.; DURIGUETO, M.L. **Estado, classe e movimento social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Biblioteca Básica de Serviço Social. v. 5).

PEREIRA, A.; SAMPAIO. O movimento operário brasileiro e as massas populares: massas obreiras/revolucionárias ou massas ignorantes/inertes? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 13, nov. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n13/a10n13.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

RODRIGUES, L. M. Formação e desenvolvimento do sindicalismo. *In*: RODRIGUES, L. M. **Trabalhadores, sindicatos e industrialização** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

DEL ROIO, J.L.D. Comenta e contextualiza a greve geral de 1917. [Entrevista cedida a] André Cintra. **CEDEM**, São Paulo, 14 abr. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OTO86\\_OSPUY](https://www.youtube.com/watch?v=OTO86_OSPUY). Acesso em: 02 abr. 2018.

TOURAINÉ, A. **Palavra e sangue, política e sociedade na América Latina**. Tradução: Iraci D. Poletti, São Paulo: Editora da Unicamp, 1989.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. Edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular, índice

remissivo, António Flávio Pierucci. 10. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.